

“TÓPICA É UMA PALAVRA DERIVADA DO VOCÁBULO GREGO ‘TOPOV’, O QUAL SIGNIFICA LUGAR, MAS PODE TAMBÉM SIGNIFICAR A MATÉRIA DE UM DISCURSO. ..., NA RIQUEZA DE SUA SIGNIFICAÇÃO SEMÂNTICA, LEMBRA, POIS, QUE A NOVA REVISTA É O LUGAR DA PESQUISA PSICANALÍTICA”.

TRECHO DA APRESENTAÇÃO DA TÓPICA 1,
POR ZEFERINO ROCHA

PRESIDENTE

Lenilda Estanislau
Soares de Almeida

VICE-PRESIDENTE

Fernando Barbosa de Almeida

TESOUREIRA

Maria Edna de Melo Silva

SECRETÁRIA

Maria do Socorro Tenório
Neto C. Alves

**COORDENADORA DA
COMISSÃO DE FORMAÇÃO
PSICANALÍTICA**

Nádima Carvalho
Olimpio da Silva

**COORDENADOR DA COMISSÃO
CIENTÍFICA**

Ana Lucila Barreiros B.de Araújo

**COMISSÃO CIENTÍFICA E
EDITORIAL**

Ana Lucila Barreiros B. de Araújo
Heliane de Almeida Lins Leitão
Nidyanne Porfirio da S. Pires
Ruth Vasconcelos Lopes Ferreira

**COORDENADORA DA COMISSÃO
DE COMUNICAÇÃO**

Stella Maris S. Mota

**PROJETO GRÁFICO/
DIAGRAMAÇÃO**

Estúdio Grão
estudiograo.com

FOTO DE CAPA

Michel Rios



ISSN 1980-8992

TÓPICA é uma publicação bienal do Grupo
Psicanalítico de Alagoas (GPAL).

R. Dr. Ciridião Durval, 47 - Parque Gonçalves Lêdo, Farol
CEP: 57021-340 - Maceió-AL

82 3221.1404

www.gpal.com.br

gpalmaceio@hotmail.com

@gpalmaceio

SUMÁRIO

5

EDITORIAL

Ana Lucila Barreiros
Barbosa de Araújo

7

**TRAUMATISMO,
SOFRIMENTO E A
EXPERIÊNCIA ANALÍTICA**

Antonio Ricardo
Rodrigues da Silva

22

**GOZO: UM CONCEITO
LACANIANO**

Lenilda Estanislau

29

**LACAN:
UM “SIGNIFICANTE”?**

Esperidião Barbosa Neto

40

**O PSICÓTICO
E SEU DELÍRIO**

Sara Guimarães Nunes

51

**ENTRE A
OPORTUNIDADE E O
RISCO: AS VICISSITUDES
DA DEPRESSÃO NA
TEORIA DE WINNICOTT**

Heliane de Almeida
Lins Leitão

62

**O DESENTENDIMENTO
HUMANO NUM MUNDO
HIPERCONECTADO: UMA
DESSIMBOLIZAÇÃO DOS
LAÇOS SOCIAIS?**

Ruth Vasconcelos

77

**O HIPER-REALISMO DE
GIOVANI CARMELLO:
UMA LEITURA
PSICANALÍTICA**

Stella Maris S. Mota

EDITORIAL

É com imensa alegria que lançamos a 13ª Revista **TÓPICA** neste ano em que o GPAL comemora 33 anos de existência.

Sendo uma instituição orientada pela tradição freudiana e aberto à diversidade teórica no campo psicanalítico, o GPAL oferece aos seus membros a oportunidade de fazer da **TÓPICA** um lugar da transmissão e divulgação de suas pesquisas e produções teóricas, socializando os estudos que são realizados permanentemente.

Todos os textos foram apresentados na 14ª Jornada em novembro de 2024, cujo tema foi “Por uma Psicanálise implicada com o sofrimento contemporâneo”. Nessa ocasião, contamos com a presença do psicanalista Antônio Ricardo Rodrigues da Silva, membro do Círculo Psicanalítico de Pernambuco (CPP), instituição com a qual temos mantido uma parceria frutífera por todos esses anos. Na Conferência de abertura “Traumatismos, sofrimentos e experiência psicanalítica”, nosso querido colega trouxe valiosas contribuições sobre as noções do trauma des-

de quando Sigmund Freud formulou teorias que se desdobraram na Psicanálise com outros autores como Sándor Ferenczi, Donald Winnicott e Masud Khan. Essa abordagem destaca o manejo do analista com pacientes traumatizados e reconhece o quanto o contexto social pode exacerbar a traumatização dos sujeitos. Dada a importância do tema e da sua produção, fizemos questão de publicá-lo nessa edição.

Os demais artigos refletem o olhar de cada autor(a) por temas inspirados a partir das demandas contemporâneas e ancorados sempre na teoria psicanalítica.

Nessa perspectiva, alguns artigos trazem contribuições valiosas da 1ª e 2ª Clínicas de Jacques Lacan, como o da autora Lenilda Estanislau de Almeida, ao falar do gozo como um conceito central na Psicanálise contemporânea para a compreensão da

clínica do Real. No artigo de Esperidião Barbosa Neto, a ideia de “significante” no ensino do Lacan, instiga-nos a compreendê-lo na medida em que eleva a proliferação de significados, excluindo a possibilidade de sentido único da palavra e da verdade plena. Sara Guimarães Nunes, no artigo “O psicótico e seu delírio”, traz considerações importantes sobre a psicose, o delírio e as alucinações, citando Freud, que apostou na existência de um sujeito na psicose e também do Lacan pelas contribuições na sua 1ª Clínica.

O artigo da autora Heliane de A. Lins Leitão traz uma reflexão psicanalítica, apoiada na teoria de Donald Winnicott, sobre a crescente demanda da clínica da depressão na atualidade e o quanto essa teoria amplia a compreensão e o acompanhamento desses sujeitos na escuta analítica.

Com o artigo “O desentendimento humano num mundo hiperconectado: uma dessimbolização dos laços sociais?”, a autora Ruth Vasconcelos questiona o que a Psicanálise tem a ver e a contribuir nas reflexões sobre os impactos da realidade virtual e da primazia do imaginário na vida em sociedade e o quanto isso interfere nas trocas simbólicas e na forma do sujeito ser e estar no mundo.

E, finalizando as nossas produções escritas, temos o artigo da Stella Maris S. Mota, que foi instigada pela obra do escultor brasileiro hiper-realista Giovani Caramello; cuja arte, mesmo com toda a precisão da tecnologia, reflete

uma subjetividade de suas inspirações, onde a autora propõe um diálogo com a psicanálise.

Desejamos uma ótima e proveitosa leitura da 13ª **TÓPICA!**

**Ana Lucila Barreiros
Barbosa de Araújo**

Coordenadora da Comissão
Científica e Editorial

TRAUMATISMO, SOFRIMENTO E A EXPERIÊNCIA ANALÍTICA¹

ANTONIO RICARDO RODRIGUES DA SILVA

Psicanalista associado ao CPP - Círculo Psicanalítico de Pernambuco; Sócio do CPPL - Centro de Pesquisa em Psicanálise e Linguagem; Doutorado em Teoria Psicanalítica pela UFRJ; Mestrado em Psicologia Clínica pela PUC-SP; Especialização em Estudos Cinematográficos pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP.

RESUMO

Nesse trabalho intitulado “Traumatismo, sofrimento e a experiência analítica”, o autor percorre várias noções de traumático, desde que Sigmund Freud se debruçou sobre esse fenômeno, formulando teorias que se desdobraram na psicanálise com outros autores, desde seu contemporâneo, o húngaro Sándor Ferenczi, até psicanalistas mais tardios, como Donald Winnicott e Masud Khan. Nessa abordagem, há um destaque sobre o lugar e o manejo do analista com esses

pacientes traumatizados e o apontamento do contexto social que exacerbam a traumatização dos sujeitos.

Palavras-chave: *Traumatismo; Freud; Ferenczi; Winnicott; Masud Khan.*

ABSTRACT

In this work titled “Trauma, Suffering, and the Analytic Experience”, the author explores various

¹ Trabalho apresentado na XIV Jornada do GPAL - Grupo Psicanalítico de Alagoas, intitulada “Por uma Psicanálise implicada com o sofrimento contemporâneo” nos dias 29 e 30 de novembro de 2024, na cidade de Maceió, Alagoas. Este texto é uma versão reduzida do apresentado no evento.

notions of the traumatic, beginning with Sigmund Freud's engagement with the phenomenon and the theories he developed, which later unfolded in psychoanalysis through other authors — from his contemporary, the Hungarian Sándor Ferenczi, to later psychoanalysts such as Donald Winnicott and Masud Khan. In this approach, particular emphasis is placed on the role and handling by the analyst of these traumatized patients, as well as on the social context that exacerbates the subjects' traumatization.

Keywords: *Trauma; Freud; Ferenczi; Winnicott; Masud Khan.*

teoria não se sustentava mais. Escreve então Freud na carta de 21 de setembro de 1897: *“E agora quero confiar-lhe, de imediato, o grande segredo que foi despontando lentamente em mim nestes últimos meses. Não acredito mais na minha neurótica (Teoria das neuroses)”* (Masson, 1986, p. 266).

Outro destaque é, ao meu ver, de que ao abandonar a sua *“Neurótica”*, Freud tem em suas mãos as bases do que daqui

Ferenczi será uma peça fundamental no estabelecimento da psicanálise como saber e terapêutica e também cuidará da dimensão de institucionalização da Psicanálise. Desde seu encontro epifânico em janeiro de 1908, Ferenczi será um interlocutor privilegiado de Freud. Já em 1908 apresenta no primeiro congresso em Salzburg o texto “Psicanálise e Pedagogia”, aonde já aparece sua verve questionadora dos métodos educacionais da época e a importância da psicanálise tanto no tratamento das neuroses como de uma certa profilaxia. No encontro com Freud, Ferenczi apresentou uma espécie de carta de intenções de seu interesse pela jovem ciência, demonstrando um enorme conhecimento de suas teses e que iam na direção de seus interesses

externa, capaz de romper a camada de proteção contra estímulos e desencadear uma profunda alteração na economia psíquica. Ferenczi, por outro lado, desenvolve e aprofunda esta segunda teoria freudiana, mas a liga a experiências que remetem àquelas que pautaram Freud na defesa da teoria da sedução. Ele enfatiza que o trauma gerado pelos contatos passionais dos adultos com a criança forma, na verdade, um duplo choque. O evento é de fato disruptivo, ao modo dos fenômenos traumáticos descritos por Freud em 1920, mas se soma a ele a impossibilidade de contar com uma figura (um outro adulto) capaz de reconhecer e dar sentido à experiência de choque. O resultado é uma potencialização do trauma, e

Dessa sequência teremos uma criança que pode a princípio sentir ódio, repugnância ou uma resistência violenta. No entanto, essas reações podem ser inibidas por um medo intenso. E Ferenczi explica: “*As crianças sentem-se física e moralmente sem defesa, sua personalidade é ainda frágil demais para poder protestar, mesmo em pensamento, contra a força e a autoridade esmagadora dos adultos que as emudecem, podendo até fazê-las perder a consciência*” (Ferenczi, 2011a, p. 117). E conclui:

(...), mas esse medo, quando at

adultos implicados na situação traumática (Kathuni & Sanches, 2009, p. 401).

E concluem na direção do que nos interessa aqui: *“Essa diferença da concepção etiológica do trauma criou a necessidade de toda uma modificação na postura do analista diante do paciente traumatizado”* (Kathuni & Sanches, 2009, p. 401).

Na trilha de criar e desenvolver estratégias para tratar seus

que forma a comunicação deve ser, em cada caso, apresentada; como se pode reagir a uma reação inesperada ou desconcertante do paciente, quando se deve calar e aguardar outras associações; e em que momento o silêncio é uma tortura inútil para o paciente, etc. (2011b, p. 31).

E o próprio Ferenczi se pergunta: “*Mas o que é o tato? A resposta a essa pergunta não nos é difícil. O tato é a faculdade de sentir com (einfuhlung)*” (Ferenczi, 20

A partir do modelo conceitual freudiano, exposto no seu “*Além do princípio do prazer*” de 1920, Khan dirá que

Postulou Freud que a proteção contra estímulos é, para o organismo vivo, uma função quase mais importante que a recepção de estímulos. O escudo protetor é suprido de seu próprio estoque de energia e deve, acima de tudo, esforçar-se por preservar os modos especiais de transformação de energia em ação no mundo externo ... esse córtex sensitivo, que mais tarde se torna o sistema C (consciência), também recebe excitações a partir

ma cumulativo, assim deriva das tensões e dos estresses que um bebê-criança experimenta no contexto de sua dependência do ego quanto à mãe como seu escudo protetor e ego auxiliar (Khan, 1994, p. 91).

E Khan chama atenção para um detalhe importante quando diz que essas

(...) rupturas no papel da mãe como escudo protetor é qualitativa e quantitativamente diferente daquelas grosseiras intrusões causadas pela psic

Um dos aspectos traiçoeiros do trauma cumulativo é que ele opera e se forma em silêncio, durante toda a infância, até a adolescência (Khan, 1994, p. 99).

E continua:

O que estou conceitualizando aqui como trauma cumulativo, já foi descrito por Anna Freud (1958) num outro contexto, quando diz “que um dano sutil está sendo infligido a essa criança e que as consequências dele

periências do eu-corpo constitui o modelo de base que valerá para qualquer situação de stress e conflito que o histórico conhecerá posteriormente” (Khan, 1997, p. 56).

Considero que esse flanco das relações mãe-ambiente-bebê vão ser os caminhos de um aprofundamento da pesquisa sobre os traumatismos, que ampliam sua compreensão levando em conta tanto a situação de interação das pessoas e sua fantasmática, como também o ambiente circundante desse

Esse manejo diz respeito ao reconhecimento do infantil do analista que deve operar, na dimensão do que chamarei aqui da posição adulto deste mesmo analista.

Para que o paciente tenha acesso ao seu infantil na repetição transferencial, faz-se necessário que o analista, a partir da identificação e da empatia opere no lugar de sustentação dessa tensão e isso se dá a partir de uma certa identificação, que, no entanto, deve manter a tensão, com uma distância psíquica “ótima”, necessária para que o trabalho da análise

cial deve acolher e possibilitar que essas experiências de dor, sofrimento e desespero, possam, a partir desse acolhimento tomar um outro lugar, à medida que foram transformadas em experiência.

Todos os autores aqui citados se dedicaram a investigar clinicamente e construíram teorias, na tentativa de darem conta dessa dimensão presente na vida dos humanos desde muito cedo que é a vivência de algo traumático. Não é à toa que um autor como Sándor Ferenczi, advindo de uma cultura muito

expostas à morte, à perseguição, ao assassinato (Louis, 2023, p. 9).

A psicanálise é um dos *locus* aonde essas dimensões traumáticas múltiplas podem ser acolhidas e trabalhadas, colocando as pessoas em outras, novas, diferentes posições subjetivas e conseqüentemente objetivas no mundo social. Há uma parte do mundo que pede que lutemos por uma sociedade sem discriminação de qualquer ordem, e que também nos ocupemos dos ating

GOZO: UM CONCEITO LACANIANO¹

LENILDA ESTANISLAU

Psicóloga formada pela FAFIRE (Faculdade de Filosofia do Recife),
psicanalista e membro do GPAL.

RESUMO

<

tas à clínica psicanalítica. No texto de 1924, *Problema econômico do masoquismo*, Freud diz que a pulsão de morte é abrandada pela libido, que tem a incumbência de tornar inofensiva a pulsão destruidora. Essa ideia ilustra que as pulsões de vida e de morte se apresentam, na quase totalidade dos casos, de maneira amalgamada. Não há exata explicação sobre esse amansamento da pulsão de morte pela libido. Pode-se presumir que em certos momentos possa ocorrer uma desfusão da pulsão de vida e da pulsão de morte.

Lacan (1

como a sede do ideal do eu e agente controlador do eu para que este possa se manter à altura de seu ideal. Por outro lado, Freud o define como um tirano, tão amoral e cruel quanto o Isso. De acordo com Gerez-Amber-tín (2003):

Trata-se [o supereu] de uma instância enigmática enlaçada aos complexos de Édipo e de Castrição. Embora ele seja constituído a partir da resolução das tramas edipianas, é um equívoco considerar

inscreve de modo singular em cada corpo, escapando a qualquer medida comum (Rabelais, 2012, p. 43). Finalizaremos com uma citação de Valas (2001): “*A psicanálise não é o mundo do ser nem das coisas, mas do desejo e do gozo, e é pelo desejo e pelo gozo que a existência humana assume o seu caráter de drama. Sem o desejo e sem o gozo, as noções de vida e de morte não teriam nenhum sentido.*” (p.8).

Laplanche, Jean & Pontalis, Jean-Bertrand (2001). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

Rabelais, Giselle Wendling (2012). *A devas-tação na relação mãe e filha como efeito do gozo feminino*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Valas, Patrick (2001). *As dimensões do gozo: do mito da pulsão à deriva do gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN: UM “SIGNIFICANTE”?¹

ESPERIDIÃO BARBOSA NETO

Doutor em Psicologia Clínica (Universidade Católica de Pernambuco).

Mestre em Psicologia Clínica. Especialista em Filosofia Política, Psicologia Social e Psicopedagogia. Graduado em Psicologia. Professor da Universidade Federal de Alagoas e Membro do GP

Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1975).

Lacan, Jacques (2011). *A identificação (Seminário 9)*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife (Trabalho original publicado em 1962).

Melman, Charles. (2004). A fobia da escrita. In: Melman, C. (2004). *O significante, a letra e o objeto* (pp. 137-144). Rio de Janeiro: Cia de Freud.

O PSICÓTICO E SEU DELÍRIO¹

SARA GUIMARÃES NUNES

Psicanalista e psicóloga. Membro do Grupo Psicanalítico de Alagoas (GPAL). E-mail: saragnunes25@gmail.com.

RESUMO

Lacan, Jacques (1985). *O Seminário, Livro 3: As Psicoses (1955-1956)*, 2ª Ed., Capítulo 6. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, Jacques (1986). *O Seminário, Livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, Jacques (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1966

ENTRE A OPORTUNIDADE E O RISCO: AS VICISSITUDES DA DEPRESSÃO NA TEORIA DE WINNICOTT¹

HELIANE DE ALMEIDA LINS LEITÃO

Psicóloga (UFPE); Doutora em Psicologia, com pós-doutorado em Psicologia (University of Kent, Inglaterra); Professora do Instituto de Psicologia da UFAL; Membro do GPAL.

O DESENTENDIMENTO HUMANO NUM MUNDO HIPERCONECTADO: UMA DESSIMBOLIZAÇÃO DOS LAÇOS SOCIAIS?¹

RUTH VASCONCELOS

Socióloga e Psicanalista, membro do GPAL (Grupo de Psicanálise de Alagoas) e da IPB (Intersecção Psicanalítica do Brasil).

RESUMO

